

ANDES

SINDICATO NACIONAL

CSP - CONLUTAS

SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR - ANDES-SN

InformANDES

Informativo

Nº 103

Brasília (DF)

Abr de 2020



QUEM MANDOU MATAR MARIELLE?

O QUE ALGUNS CHAMAM DE
BALBÚRDIA,
NÓS CHAMAMOS DE
PRODUÇÃO DE
*Conhecimento
Público!*

A pandemia e a evidência da crise capitalista

Completando cerca de 45 dias de isolamento social, a realidade imposta pela crise do capital que se aprofundou com a pandemia nos revela muitos desafios e também muitas tarefas para a classe trabalhadora.

O presente momento, que certamente vai marcar a história da nossa sociedade, evidencia algumas análises que nosso sindicato já vinha realizando há algum tempo. Primeiro ao desnudar as consequências da crise internacional do capital que resulta em mais exploração dos trabalhadores (as), com a precarização das relações trabalhistas, a retirada de direitos, *uberização* do trabalho e a mercantilização da vida. Em seguida, demonstra que no processo de tentativa de recuperar os lucros de empresários e rentistas, o Estado se torna o grande provedor, por meio da apropriação privada de fundos públicos. Isso, na lógica de reestruturação do Estado, impulsiona pouco a pouco um desinvestimento em políticas públicas.

Assim, no momento em que deveríamos ter um Estado forte, estruturado para atender as demandas da população mais pauperizada, o que vivenciamos é a absoluta precariedade dos serviços públicos. Isso se revela não apenas na incapacidade de atendimento de equipamentos de saúde e de assistência social, mas também na falta de preparo para a utilização de EPIs; na invisibilidade de milhões de brasileiros e brasileiras que sequer têm CPF para acessar o auxílio

emergencial; e em uma educação pública desestruturada, mas que ainda assim está na frente das pesquisas e da produção do conhecimento para o enfrentamento da Covid-19.

Nesse contexto, uma antiga bandeira do ANDES-SN se evidencia, que é a necessidade de investimento público na pesquisa, ciência e tecnologia públicas, únicas capazes de produzir conhecimento socialmente referenciado e para todos(as).

Em meio à necessidade de defender a vida acima dos lucros pelo isolamento social, assistimos a um conjunto de ações, seja por parte do governo federal, do Congresso Nacional, do MEC e de alguns gestores, no sentido de impor uma normalidade a uma realidade absolutamente particular e excepcional. Diante do acelerado aumento das mortes e infecções no Brasil, o presidente da República afirma “e daí?” para as mortes; o desqualificado ministro da Educação busca formas de forçar o ensino a distância e o trabalho remoto sem as condições para tanto. E o Congresso Nacional garante auxílio aos empresários e rentistas e busca de forma incessante retirar direitos dos (as) trabalhadores (as) da iniciativa privada e pública, com a redução de salários e benefícios; a tentativa de congelamento salarial e a suspensão de concursos públicos, entre outros.

Nesse contexto, a resposta da classe trabalhadora em seu conjunto, por meio de suas entidades representativas, ainda

está aquém do que o momento exige. Naturalizando a *mão sob a chibata*, as grandes centrais sindicais, promovem um 1º de maio convidando expoentes da vanguarda burguesa que se esmeram na retirada de direitos dos (as) trabalhadores (as), como os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, fazendo uma explícita opção política pelos capatazes da vez.

O momento político, econômico e social, exige de nós, entidades de classe, a reafirmação de um projeto estratégico para a classe trabalhadora que seja anticapitalista. Assim como devemos afirmar, em alto e bom som, que a vida vale mais que o lucro e, neste momento, todos(as) os que não estão em atividades essenciais devem ficar em casa. Por isso, temos que lutar pela suspensão imediata do calendário escolar; nos posicionarmos contra o ensino a distância em substituição ao presencial; exigir equipamentos de proteção individual para todos(as) os(as) trabalhadores(as) da linha de frente e realizar amplas e articuladas campanhas de solidariedade junto aos segmentos da classe trabalhadora.

E hora de preservar a saúde, a saúde mental e a vida. Não podemos fingir normalidade, pois isso não nos permitirá enfrentar o momento como é necessário. Sejamos solidários! Mostremos para a classe trabalhadora que a solidariedade de classe só ela mesma é capaz de fazer. Ensinemos, mas nesse momento, como afirmou Paulo Freire, ensinemos a ler o mundo.

#FIQUE EM CASA

A VIDA VALE MAIS QUE OS LUCROS!

EXPEDIENTE

O InformANDES é uma publicação do ANDES-SN // site: www.andes.org.br // e-mail: imprensa@andes.org.br

Diretor Responsável: Cláudio Mendonça

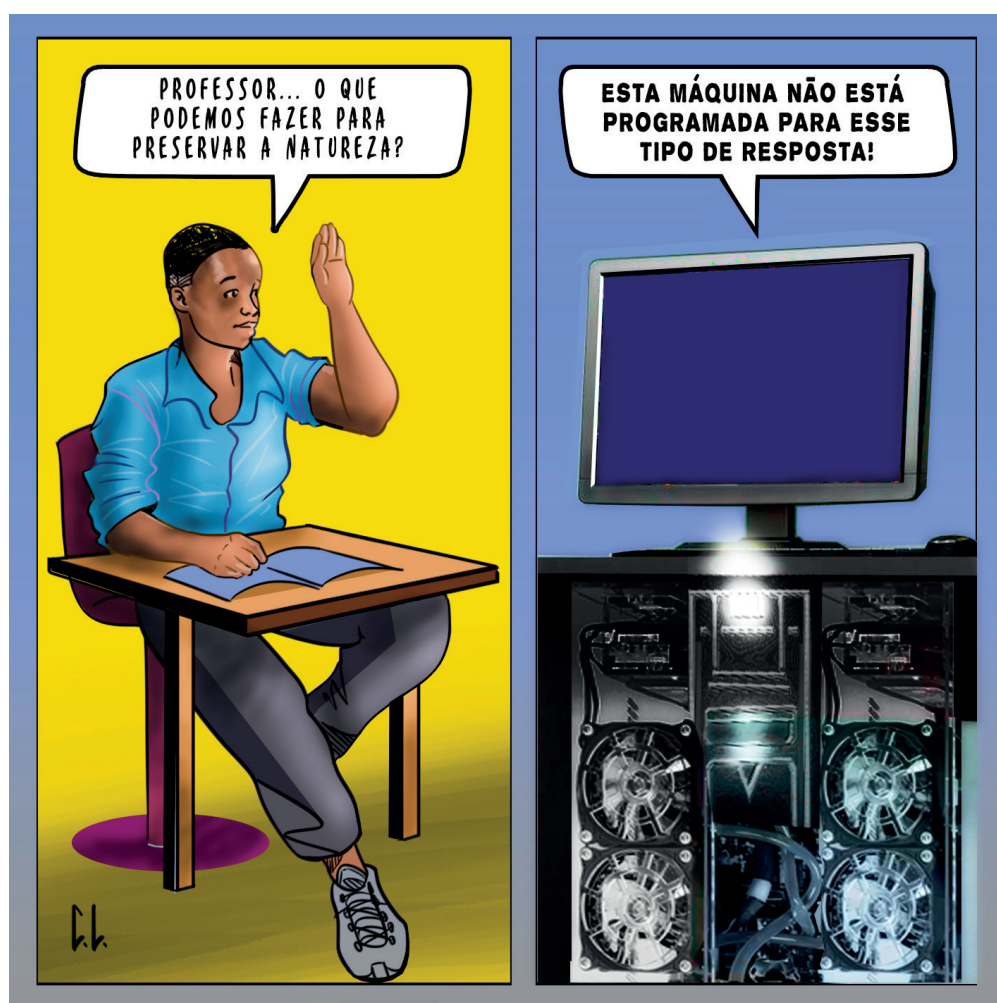
Edição: Renata Maffezoli MTb 37322/SP

Coordenação Editorial: Jamile Rodrigues MTb 0010916/DF

Jornalistas: Bruna Yunes DrT 9045/DF, Luciana Sendyk, Renata Maffezoli MTb 37322/SP

Diagramação, revisão e arte final: Angel Holanda // Fotos: Imprensa ANDES-SN, Divulgação, Banco de Imagens

ANDES-SN defende suspensão de calendário acadêmico em todas instituições



Assim que foi decretado o estado de calamidade pública no país, por conta da pandemia do novo coronavírus, o Ministério da Educação (MEC) liberou em 18 de março, por meio de uma portaria, as instituições de ensino do sistema federal a substituírem as aulas presenciais pela modalidade a distância.

A autorização é válida para o sistema federal de ensino - composto pelas universidades federais, pelos institutos federais, Cefet, pelo Colégio Pedro II, pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), Instituto Benjamin Constant (IBC) -, e também para universidades e faculdades privadas.

Nos estados, as universidades também vêm discutindo a suspensão do calendário acadêmico ou a oferta de disciplinas a distância. Algumas Instituições Estaduais de Ensino Superior (Iees) estão em intervalo entre semestres, então já definiram por adiar o início do 1º semestre de 2020, como é o caso da Unioeste, no Paraná, e da Uesc, na Bahia, por exemplo.

Embora a grande maioria das Instituições Federais tenha deliberado, em seus conselhos universitários, pela suspensão total das atividades, algumas Ifes decidiram por manter a oferta de aulas através de plataforma virtual. O MEC criou uma plataforma para acompanhamento da situação nas IF.

De acordo com dados do site do Ministério da Educação, até o dia 25 de abril, 61 das 69 universidades federais já haviam suspenso as atividades. Já em relação aos Institutos Federais, dos 41 IF, 32 estão com as aulas paralisadas por conta da Covid-19.

O ANDES-SN viu com muita apreensão a portaria do MEC. Embora de caráter excepcional, há a preocupação que o governo esteja aproveitando o momento para implementar algo que já tinha como objetivo - o Ensino a Distância -, e que a recomendação passe a ser uma imposição pós-pandemia.

O governo já tinha, anteriormente, aprovado através de uma indicação do MEC, a oferta de até 40% de aulas na graduação na modalidade EaD. O Sindicato destaca a diferença entre se ter a internet como ferramenta metodológica adicional,

como já ocorre em algumas disciplinas, e a transferência, de forma irrestrita, para a modalidade virtual de todo o conteúdo aplicado nos cursos.

A orientação do MEC ignora que as universidades públicas, institutos federais e Cefet possuem um grande número de estudantes em vulnerabilidade social, os quais não têm acesso a todos os recursos tecnológicos necessários para aulas virtuais. Levantamento divulgado pela Andifes, em 2018, apontou que 70,2% dos estudantes da rede federal são de famílias com renda mensal per capita de até 1,5 salário mínimo.

Outra barreira para a implementação do EaD nesse momento é o fato das plataformas não oferecerem os recursos necessários para atender pessoas com deficiência.

As condições diversas de acesso a equipamentos, materiais virtuais e conexão à internet impõem uma cobrança injusta, e pode acarretar em doenças laborais e emocionais, em um momento em que toda a sociedade se encontra fragilizada. Além disso, há muitos profissionais e estudantes com filhos em casa, o que resulta em uma sobrecarga de demanda com os cuidados e tarefas domésticas.

Suspensão do calendário

Diante desse cenário, o ANDES-SN e o Sinasefe se manifestaram pela suspensão imediata do calendário escolar de todas as universidades - federais, estaduais e municipais -, institutos federais e Cefet. Na avaliação das entidades do Setor da Educação, não é possível manter a normalidade dentro das instituições, logo as mesmas devem estar 100% fechadas.

Para os sindicatos, a suspensão nacional do calendário escolar vai resguardar docentes e técnicos de possíveis intransigências por parte das administrações locais tanto da presença de trabalhadores nos campi, quanto da obrigatoriedade de atividades virtuais.

“Todas as instituições devem seguir a mesma orientação, porque nesse momento não se trata do gestor, mas da realidade que o país está vivendo. Então, independentemente de ser federal, estadual ou municipal, é necessário que toda as atividades sejam interrompidas imediatamente e que seja garantida a suspensão do calendário”, reforça Eblin Farage, secretária-geral do ANDES-SN.

Seções sindicais do ANDES-SN realizam ações de solidariedade durante a pandemia



Diversas ações de solidariedade nestes tempos de pandemia têm amenizado um pouco a situação de desamparo de parte da população. O ANDES-SN com as suas seções sindicais vêm desenvolvendo formas de auxiliar a grande parcela pauperizada, através de campanhas de apoio e distribuição de bens de primeira necessidade da sobrevivência imediata.

Com o objetivo de exercitar, em tempos de pandemia, a solidariedade de classe, algumas seções, por exemplo, têm realizado campanhas para arrecadação de cestas básicas e recursos financeiros para amparar milhares de famílias brasileiras, que devido ao isolamento social - principal forma de evitar a disseminação do novo coronavírus - perderam parte significativa de suas rendas. Além disso, a suspensão e cancelamento de bolsas de pesquisa levaram centros de pesquisa a precisarem contar com o apoio da comunidade para o desenvolvimento de ações para o combate à pandemia.

No Nordeste, a Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas (Adufal-Seção Sindical do ANDES-SN) doou em abril 60 cestas básicas para a Casa do Congresso do

Povo, que é uma instituição que realiza diversas atividades em prol das comunidades da Levada e da Vila Brejal, em Maceió. A doação é destinada às famílias que estão em situação de extrema vulnerabilidade. Na Bahia, a Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana (Adufs-BA Ssind.) também distribuiu cestas básicas e colaborou com a produção de máscaras de acetato para uso dos profissionais de saúde, além disso veiculou peças publicitárias em rádios de Feira de Santana e colocou carros de som em diversos bairros da cidade alertando as pessoas para o risco da doença e reafirmando a necessidade do isolamento social para evitar a propagação do vírus. Também foram realizadas ações nas redes sociais.

A Associação de Professores da Universidade Federal do Maranhão (Apruma Ssind.) entregou 100 protetores faciais à Secretaria Municipal de Saúde Imperatriz. Outros 300 protetores serão doados as secretarias de saúde Municipal de São Luiz, Estadual do Maranhão e para o Hospital Universitário da Ufma. A seção tem estimulado, também, em suas redes sociais a doação de alimentos e produtos de higiene para associações de moradores e produzido conteúdos sobre a pandemia.

A Associação dos Docentes da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Adufms Ssind.), em parceria com diversas entidades, lançou no dia 14 de abril uma campanha de doações para a compra de cestas básicas e kits de proteção individual a profissionais da saúde que estejam trabalhando no tratamento e prevenção da Covid-19.

No Mato Grosso, a Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Mato Grosso (Adunemat Ssind.) se reuniu com organizações sociais, sindicais e não-governamentais, instituições públicas de ensino e pastorais de igrejas do município de Cáceres e região, para a promoção da campanha de conscientização e solidariedade durante a quarentena recomendada por conta da pandemia. A campanha prevê a distribuição de materiais informativos e de higienização, especialmente álcool em gel, para populações de baixa renda da zona rural e urbana do município de Cáceres.

A Associação dos Docentes da Universidade Federal do Pará (Adufpa Ssind.) organizou, em parceria com organizações da sociedade civil e movimentos sociais, um Fundo de Solidariedade. Na última semana, a

seção sindical destinou a contribuição financeira para as famílias em dificuldades econômicas agravadas pela pandemia. No início do mês de abril, a Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Montes Claros (Adunimontes Ssind.) contribuiu com a confecção de materiais que serão usados pelos profissionais da saúde no combate à pandemia da Covid-19 e, ainda, fez a doação de recursos financeiros à Associação Beneficente das Voluntárias Amigas do Hospital Universitário Clemente Faria (Avahu).

No Rio de Janeiro, a Associação de Docentes da Universidade Federal Fluminense (Aduff Ssind.) tem empreendido ações de solidariedade aos trabalhadores afetados pela conjuntura de pandemia causada pela Covid-19. No primeiro momento, houve disponibilização de recursos a moradores de comunidades carentes no Rio de Janeiro e em Niterói e de assentamentos rurais do estado do Rio de Janeiro. A Aduff Ssind. também adquiriu impressora 3D para contribuir com a produção de máscaras, visando atender aos profissionais de saúde, colaborando com o projeto social do professor James Hall, da Engenharia da UFF. A Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Adufrj Ssind.) semanalmente tem doado cestas básicas para os funcionários terceirizados de limpeza que estão sem salários ou que foram recentemente demitidos por conta da pandemia do novo coronavírus.

Já na região Sul, a Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Santa Maria (Sedufsm Ssind.) promoveu uma ampla campanha de apoio à abertura do Hospital Regional, com disponibilização de leitos, para atender pacientes de Covid-19 pelo SUS, e para engajar os docentes nas doações de alimentos. Cestas básicas e materiais de higiene foram entregues às famílias da Ocupação Vila Resistência, no Parque Pinheiro Machado, em Santa Maria (RS).

A Seção Sindical dos Docentes da Universidade do Rio Grande (Aprofurg Ssind.) doou Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para a Secretaria da Saúde do município de Santo Antônio da Patrulha. Foram doadas luvas de látex, óculos incolores e capas de chuva amarelas. Já para o Hospital Universitário da Furg doou óculos cirúrgicos de proteção, toucas grandes e luvas de nitrilo azuis, o que acabou

ajudando os profissionais que estão na linha de frente no combate ao coronavírus. Para a Escola de Química e Alimentos da Furg, a seção fez a compra de materiais para ajudar na produção de álcool glicerinado. Uma segunda doação também foi realizada de 500 litros de álcool 92%, que vão ser transformados em álcool 70%. A seção sindical do ANDES-SN também tem apoiado iniciativas externas de arrecadação de alimentos, materiais de higiene e recursos financeiros para ajudar as famílias que mais precisam.

A Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (Adunb Ssind.) também está empenhada na luta para o combate da pandemia do coronavírus e tem oferecido apoio a iniciativas comunitárias para a proteção de pessoas em situação de vulnerabilidade. A campanha solidária "Nós por nós", criada por movimentos sociais locais em parceria com o Diretório Central dos Estudantes (DCE), é uma delas. As doações serão destinadas à compra de cestas básicas para famílias no Distrito Federal.



Incentive sua seção sindical a aderir às campanhas de solidariedade

Existem muitas formas de contribuir, como:

- Organização de campanha de doação de sangue em sua rua ou condomínio. Os bancos de sangue estão com estoque baixo em várias cidades e podem ir até o local para a doação;
- Doação de alimentos e material de higiene para os moradores de periferia;
- Doação de equipamentos de proteção para voluntários que estão na linha de frente nos processos de auto-organização das periferias;
- Financiamento de carros de som nos bairros de periferia;
- Spot de rádio em defesa da vida, da educação, ciência e tecnologia públicas.

Mande informações e fotos (se possível) das ações que sua seção sindical está realizando. Agora, mais do que nunca, é hora de mostrarmos nossa solidariedade de classe.

A vida acima dos lucros!
Fique em casa!



O QUE ALGUNS CHAMAM DE BALBÚRDIA, NÓS CHAMAMOS DE PRODUÇÃO DE *Conhecimento Público!*

A falta de leitos, de respiradores e de equipamentos de proteção e de insumos para a produção dos mesmos, bem como de pessoal são o resultado mais explícito do desinvestimento no SUS e em pesquisas nas instituições públicas, aprofundados com a Emenda Constitucional 95, que estabeleceu desde 2017 o teto de gastos em despesas primárias da União por 20 anos.

Mesmo diante do cenário de precariedade, as instituições de ensino superior públicas – federais, estaduais e municipais –, vêm dando grande contribuição no combate à Covid-19.

As ações não se limitam às pesquisas laboratoriais, mas também atividades de extensão, junto às comunidades nas quais as instituições estão inseridas.

Desde a produção de máscaras, álcool em gel, respiradores, como também orientações à população sobre cuidados de higiene, nutrição, saúde mental, mapeamento de contágio, entre outros, as IES estão mostrando que têm papel fundamental para sociedade brasileira.

Tal cenário trouxe também à tona a reflexão: se com pouco recurso as IES já fazem muito, imagine se tivessem orçamento, carreira e infraestrutura adequados?

Antonio Gonçalves, presidente do ANDES-SN, ressalta que o sindicato já vinha apontando os retrocessos civilizatórios do governo de extrema direita de Jair Bolsonaro, que passam por ações, inclusive, de negação da ciência.

“No momento de enfrentamento à pandemia, se evidencia a importância da educação, da saúde, da ciência e tecnologia públicas. E as IES públicas no Brasil têm muito a contribuir nesse processo”, afirma.

No entanto, Gonçalves recorda que nunca houve um investimento adequado nessas áreas. E, após anos de repasses muito aquém do ideal, iniciou-se um período de desinvestimento, com cortes no orçamento.

Na sequência, com os recursos já extremamente abaixo do necessário, implementou-se a Emenda Constitucional 95, que tomou esse orçamento hiper defasado como referência e o congelou por 20 anos, num ataque sem precedentes ao financiamento das políticas públicas.

Antonio afirma que houve, por exemplo, cortes de bolsas da Capes, tentativa de hierarquização do financiamento da ciência, tirando as humanas e sociais dos recursos do CNPq.

“As IES públicas têm muito a contribuir no aspecto da saúde, da educação e da ciência e tecnologia, mas isso precisa de tempo, não se faz do dia para a noite. O que está ocorrendo

é um esforço muito grande das instituições para contribuírem nesse processo, pois há enormes limitações, aprofundadas por medidas do governo em curso”, explica.

Para o presidente do ANDES-SN, o momento evidencia a importância do papel do Estado, especialmente nesse momento em que o mercado não é capaz de dar uma indicação de saída para a crise.

“O Estado se expressa através de políticas públicas, e as políticas públicas chegam à ponta a partir dos servidores e dos serviços públicos. Os servidores que estruturam as ações do Estado e, por isso, têm que ser valorizados para garantir a saúde, o SUS universal, integral, com equidade, garantir uma educação pública de qualidade e garantir as IES com financiamento que lhes permita contribuir na produção do conhecimento, na transmissão do conhecimento, na realização de pesquisa e na criação de novas tecnologias”, alerta Antonio.

O dirigente, que é docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Maranhão, aponta que, mesmo com todas as limitações, as instituições públicas estão contribuindo. “Poderíamos fazer muito mais. Mas, como a pesquisa requer um tempo para sua realização, nem sempre há o tempo necessário para dar conta da pandemia”, lamenta.

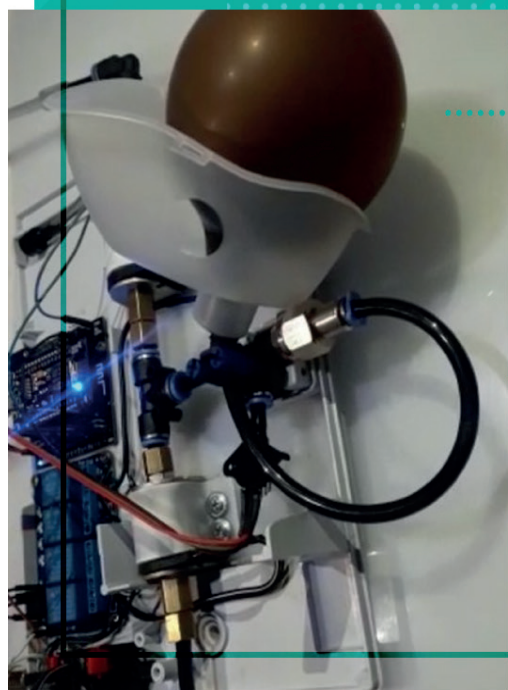
Balbúrdia x conhecimento

O QUE ALGUNS CHAMAM DE
BALBÚRDIA,
NÓS CHAMAMOS DE
PRODUÇÃO DE
Conhecimento Público!

Respirador criado pela **Universidade Federal da Paraíba** tem custo 37 vezes mais baixo e ficará com licença aberta para empresas produzirem

Universidade Federal de Campina Grande desenvolve sistema BioEsterilizador para combater o novo coronavírus

ANDES
SINDICATO NACIONAL
CSP - CONLUTAS



Para dar destaque às diversas contribuições das instituições de ensino superior públicas, federais, estaduais e municipais, no combate à Covid-19, o ANDES-SN lançou a campanha “O que alguns chamam de balbúrdia, nós chamamos de produção de conhecimento público!”. Cards nas redes sociais, matérias jornalísticas, spots em rádios e carros de som chamam a atenção da população para o importante papel das IES públicas.

Uma das ações, por exemplo, foi o desenvolvimento de aparelhos respiradores a um custo muito abaixo do praticado no mercado. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi uma das instituições que se empenhou nesse projeto.

Os respiradores auxiliam os pulmões a inspirar e expirar quando o sistema respiratório não faz seu trabalho normalmente. Com a pandemia da Covid-19, o equipamento está em falta em hospitais do Brasil. Com poucos recursos, a UFPB já desenvolveu um respirador com um custo 37 vezes inferior ao valor do mercado. Já na Federal de Campina Grande, um BioEsterilizador está sendo desenvolvido e poderá criar

mecanismo de higienização para uso em hospitais, clínicas e laboratórios.

Outro produto que esteve em falta e que ganhou grande destaque na luta por conter a disseminação do vírus é o álcool 70%, o recomendado pelas organizações sanitárias, para desinfetar as mãos e superfícies. Vale ressaltar que a lavagem com água e sabão, quando oportuno, é o mais indicado.

Na concentração de 70%, o produto tem a quantidade exata de água para facilitar a entrada do álcool no interior do microorganismo, seja bactéria, fungo ou vírus, como o novo Coronavírus. Isso porque a água, além de impedir a desidratação da parede celular externa do microorganismo, retarda a evaporação do álcool permitindo maior tempo de contato para que haja a penetração do álcool no interior do microorganismo, resultando na sua destruição.

A fórmula em gel tem duas características que a qualificam como mais indicadas para a higienização das mãos. A primeira é pela segurança, no caso de um acidente, por não espalhar rápido como o líquido, evitando assim o risco

de incêndio. A segunda é por ter um item hidratante na sua composição, ajudando a prevenir o ressecamento da pele.

Os álcoois com concentração superior a 70%, sem a água ou com água em baixas proporções, desidratam o microorganismo sem matá-lo. É o caso, por exemplo, dos concentrados em 99,6% (absoluto) ou o 92,8%, utilizado como composição em fórmulas cosméticas ou solvente de outros produtos. São ineficazes no combate ao novo coronavírus porque evaporam com extrema rapidez.

Para ajudar a suprir a demanda por álcool 70%, diversas universidades começaram a produzir a substância e doá-la para hospitais públicos, secretarias de saúde, prefeituras. A Universidade Federal do Amapá (Unifap) e órgãos públicos fizeram parceria para produção de álcool em gel e distribuição em unidades de saúde. Já a Universidade Federal de Sergipe (UFS) produziu álcool gel para hospitais universitários e asilos do estado. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) doou álcool 70% para a Polícia Científica do estado e para Secretaria de Saúde de Caruaru.

Universidade Federal de Viçosa (UFV) doou três mil litros de álcool para contenção do novo coronavírus no município, enquanto a Universidade de Brasília (UnB) distribuiu álcool em gel de fabricação própria pelos campi para a comunidade acadêmica. Esse são apenas alguns dos muitos exemplos de cooperação das IES com as comunidades locais.

Outro problema, enfrentado principalmente pelos profissionais que estão na linha de frente do combate ao novo coronavírus, é a falta de equipamentos de proteção individual, os EPI's.

Os equipamentos básicos de proteção individual para os profissionais de saúde são máscara tipo N95 ou PFF2; óculos ou *face shield*; luvas; gorro; capote impermeável e álcool Gel 70%. Para orientar sobre a importância da correta utilização dos EPIs, o Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) lançou um tutorial para os profissionais de saúde.

O tutorial apresenta a sequência adequada do uso dos EPIs, que atendem à nota técnica 04/2020 da Anvisa e que são a barreira mínima de proteção do profissional de saúde para o atendimento de pacientes com suspeita de COVID-19.

Máscaras do tipo *face shield*, por exemplo, se tornaram um equipamento de máxima importância para agentes de saúde que atuam na linha de frente no combate à Covid-19. Esses dispositivos, semelhantes às viseiras de capacetes de motociclistas, constituem uma primeira barreira física que protege médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, fisioterapeutas e outros profissionais do contato com as gotículas infectadas pelos vírus exaladas pelos pacientes. Por baixo delas, é necessário usar as máscaras convencionais.

A necessidade de produzir rapidamente máscaras *face shield* em grande escala mobilizou vários grupos que trabalham com manufatura aditiva, que utiliza impressão 3D e técnica denominada FFF (*fused filament fabrication*). Um deles foi o da Universidade de São Paulo (USP) que, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), produziu em uma semana de trabalho, 210 máscaras *face shield* para a Santa Casa de São Carlos.

A produção de máscaras de proteção individual também foi o resultado de uma parceria entre Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (BAHIANA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Centro Juvenil de Ciência e Cultura (CJCC), Instituto Federal da Bahia (IFBA), Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia (SECTI-BA), Instituto PEPO, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

O projeto colaborativo intitulado *Face Shield for Life 3D* teve como objetivo o desenvolvimento de protetores faciais para profissionais de saúde que estão trabalhando no combate ao novo coronavírus, visando reduzir os riscos de exposição e garantir o aumento da capacidade de atendimento.

No início de abril, a equipe previa entregar, de forma gratuita, os 25 mil primeiros protetores faciais nas Unidades Hospitalares em Feira de Santana e até 175 mil protetores para outros hospitais da Bahia, em parceria com indústrias da região.

Os insumos para a fabricação estão sendo adquiridos via doação voluntária, por meio de uma "vaquinha virtual" divulgada no site das universidades.

Outro papel importante das instituições no combate à pandemia do novo vírus tem sido informar a população



sobre a doença e formas de evitar o contágio. A UFSCar e o Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) são algumas das IES que produziram materiais informativos para a população indígena, grupo extremamente vulnerável ao novo vírus. Já a Universidade Federal do Piauí (UFPI) foi uma das que produziu materiais sobre o novo coronavírus em Libras, para as pessoas com deficiência auditiva.

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Faculdade de Medicina desenvolveu *spots* da série "Tudo o que você precisa saber sobre o Coronavírus", que abordam a necessidade do uso de máscaras. O conteúdo foi produzido pelo Centro de Comunicação Social da Faculdade (CCS) e está disponível para toda a população na página do programa de rádio Saúde com Ciência, no Spotify e também na plataforma SoundCloud.

Nos conteúdos, diversas dicas sobre como se proteger e evitar o contágio. Uma delas é como produzir máscaras caseiras, recomendadas para uso da população em geral. O site ressalta que informações confiáveis sobre como se prevenir da maneira mais eficaz são indispensáveis no momento.

• Com informações dos sites das IES

Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas produz material de orientação sobre o Covid-19 aos indígenas da etnia Ticuna

Universidade Estadual de Roraima prepara apostila com atividades para desenvolvimento das crianças em tempo de isolamento social

ANDES
SINDICATO NACIONAL
CSP - CONLUTAS

DICAS SOBRE O USO DE MÁSCARAS CASEIRAS:

- O uso é individual;
- Enquanto estiver utilizando a máscara, evite tocá-la;
- Ao chegar em casa, **antes de tirar a máscara**, lembre-se de lavar bem as mãos;
- Para remover, evite tocar na parte da frente. Retire pelo laço ou pelas tiras na parte traseira;
- **Higiene:** Primeiro, faça a imersão da máscara em recipiente com água potável e água sanitária por 30 minutos (10 ml de água sanitária para 500ml de água potável). Em seguida, lave com sabão em água corrente;
- Após a secagem, utilize ferro quente e guarde sua máscara em um saco plástico até o próximo uso;
- **Troque** a máscara se ela estiver suja ou úmida (**duração máxima: 2 horas**);
- **Descarte** se notar sinais de desgaste ou funcionalidade comprometida.

SAÚDE MENTAL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19



Há mais de um mês, estamos vivendo algo absolutamente novo na história da humanidade. A incerteza não está na pandemia em si, mas no contexto sócio-histórico em que ocorre, em um mundo conectado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), com rápido e intenso fluxo de pessoas entre os países, no contexto da mundialização do Capital. Para essa edição do INFORMANDES, entrevistamos o professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Maelison Silva Neves. O docente, que é pesquisador do Núcleo de Estudos Ambientais e Saúde do Trabalhador do Instituto de Saúde Coletiva e doutorando em saúde coletiva pelo mesmo Instituto, resalta pontos importantes nessa entrevista.

ANDES-SN: Professor, como você avalia o momento que estamos vivendo?

Maelison Silva Neves:

Na situação brasileira, nosso drama recebe uma matiz de realismo mágico com o comportamento do chefe do executivo, podendo-se destacar: 1) Efeitos da crise estrutural do Capital e o estado avançado de desmonte dos serviços públicos, sobretudo do SUS, sucateamento das universidades públicas em geral e da pesquisa científica em particular; 2) Alto índice de desemprego, disfarçado de trabalho informal, que empurrou muitos brasileiros a condições sofríveis de subsistência, além dos efeitos danosos da reforma trabalhista que diminuiu a proteção dos trabalhadores assalariados; 3) A escalada golpista da presidência ao convocar a população contra o congresso e o STF, sem falar dos eventos ocorridos no levante da PM no Ceará, colocando os brasileiros em estado de tensão; 4) Uma crescente onda de negacionismo científico e adesão cega a uma guerra contra o espantoso do “mar-

xismo cultural”, com influência nefasta do irracionalismo aloprado de Olavo de Carvalho sobre o governo e parcela não pequena da população.

Em todo esse cenário, há um vírus para o qual não temos imunidade, com alta capacidade de rápida disseminação entre a população, aliando contraditoriamente “baixa” taxa de letalidade e quadros graves que exigem grande número de leitos hospitalares e de UTI, colapsando os sistemas de saúde do mundo todo, forçando ao isolamento social da população como única medida comprovadamente eficaz, com consequências imediatas para o sistema de produção e circulação de mercadorias e serviços. Nesse cenário cheio de zonas cinzas que a ciência ainda tenta desvendar, a maioria dos governos se preocupou em salvar o emprego (entenda-se, o Capital), o que teve como consequência um aumento exponencial de doentes e mortos. Alguns voltaram atrás,

passando a defender o isolamento social, mas pagaram preço alto pelo atraso; no caso do Brasil, a população confunde-se com o negacionismo criminoso do presidente e a incapacidade das instituições da República de impedi-lo de desinformar e boicotar o ministério da Saúde! O boicote das ações que garantiriam às pessoas permanecer em suas casas sem passar fome se expressa em decisões a contagotas, parciais, confusas, na demora em garantir que a ajuda de R\$ 600,00 (abaixo do mínimo necessário) chegue aos lares (sem falar dos problemas em baixar o aplicativo, inconsistências cadastrais, amarras burocráticas que tornam incerto se vai ou não receber a ajuda). O clima geral é de confusão e incerteza, além de pavor para quem sabe aonde estamos indo.

Essa longa contextualização, longe de abarcar toda a complexidade do cenário, expressa que quem não estiver se sentindo ansioso, preocupado, com medo, está num estado psicológico que requer cuidado.

ANDES-SN: Quais impactos a pandemia e suas consequências - alto risco de contaminação, as mortes, o isolamento social - podem ter para a saúde mental da população?

MSN: O cenário apresentado se expressa, individualmente, na forma de vivências de incerteza, incontrollabilidade, percepção de risco contra a própria vida e/ou de pessoas (um risco real, mas que pode produzir diferentes respostas emocionais, do medo racional ao pânico paralisante), solidão, angústia, ansiedade, perda de foco, pessimismo em relação ao futuro, tristeza, choro, preocupação constante, negação irracional dos riscos, entre outros estados subjetivos.

É importante pontuar que essas respostas emocionais são esperadas, dada à gravidade do momento, somente sendo preocupantes se envolverem uma interrupção da capacidade do sujeito de acionar mecanismos individuais e coletivos para avaliação realista dos problemas e seu enfrentamento visando a proteção individual e coletiva. Em poucas palavras, é

normal sentir medo, tristeza, ansiedade e até olharmos para o futuro com ares de incerteza, mas esses afetos deverão servir para nos instrumentalizar no acionamento dos recursos que temos na busca da solução - em termos marxistas, no uso de nossa capacidade teleológica para apreender a realidade e produzir objetivações que atendam às nossas necessidades individuais e coletivas, do curto e longo prazo, até à revolução.

Quadros de adoecimento psicológico ou agravamento dos pré-existentes

Cito dois exemplos. O primeiro é a ansiedade, que geralmente surge diante de respostas do organismo a situações de ameaça, sendo acompanhadas de aceleração dos batimentos cardíacos, suor nas mãos, sensação de dor ou aperto no peito e sensação de falta de ar episódica, respiração curta e pesada, entre outros sintomas. Vale destacar a probabilidade de uma pessoa confundir a sensação de falta de ar e respiração pesada com sintomas da Covid-19 e isso é bastante complexo, pois, em caso de ser um falso positivo, a ida ao hospital pode expor a pessoa ao vírus e ao adoecimento; em caso de falso negativo, ficar em casa achando que é simples sintoma de ansiedade pode resultar em perda de tempo precioso para socorro da pessoa acometida da Covid-19. Por isso, a primeira atitude deve ser buscar orientação médica, jamais se autodiagnosticar, para que o profissional de saúde faça uma avaliação adequada.

Outra é a depressão. Uma exposição crônica a estressores, mesmo que causem pouco incômodo, o impedimento do contato social e trocas afetivas com pessoas que gostamos, a exposição às situações incontrolláveis, sem que possamos acionar mecanismos de controle parcial ou atenuantes do desconforto, acompanhados da incerteza, pessimismo em relação ao futuro, alimentados pelo bombardeio de informações negativas e preocupantes, podem nos levar a um estado de desamparo e rebaixamento de humor característico da depressão. Reitero que tais estados psicológicos são determinados socialmente, apesar de sua expressão nos indivíduos levar muitos a pensar que seja uma problemática individual e subjetiva. O caso da Covid-19 mostra essas conexões de eventos macro e microsociais produtores de adoecimento psicológico de forma mais dramática, mas seguem a legalidade da determinação social do sofrimento e adoecimento psicológico na sociabilidade capitalista.



Assim, repito, a calma e despreocupação puras não são afetos esperados para esses tempos; podem, por exemplo, facilitar a exposição ao vírus e sua disseminação, ao tratar a Covid-19 como uma gripezinha, que só afeta idosos e comorbidades crônicas. O que não é verdade. Mas, mesmo que fosse, que mundo é esse em que não nos preocuparíamos em salvar nossos idosos e demais pessoas vulneráveis?

São momentos turbulentos, ansiogênicos e precisamos nos conectar com esses sentimentos para sabermos como agir racionalmente no enfrentamento individual e coletivo dos problemas que nos aguardam, avaliando sua real dimensão e os recursos pessoais e coletivos para tal (e nós os temos!). É momento, mais do que nunca, de fortalecimento da solidariedade da classe trabalhadora e dos cuidados de nossas redes afetivas.

ANDES-SN: E como fazer isso em situação de distanciamento e isolamento social?

MSN: A principal contradição que essa doença traz é justamente a interdição física desse canal de apoio, contato e acolhimento, de fazer reuniões para avaliar a conjuntura, mobilizações para pressionar o inepto governo e, após um vitorioso ato de rua, tentar distrair com brindes e risadas, intercalados com os momentos de enfrentamento e tensão da luta coletiva. Precisamos, nesse momento extraordinário, de novas formas de continuar a mesma luta: redes sociais, reuniões online, vídeo-chamadas com amigos, familiares, amores, paqueras. Estamos tendo que nos reinventar para garantir que o “isolamento social” seja apenas do contato físico, não da interação e trocas de ideias e afetos.

Em relação à experiência do isolamento social, há um conjunto muito diversificado de situações que podem ser mais ou menos favorecedores à preservação da saúde mental, a depender dos estressores que causam e das possibilidades de reajustes para lidar com os mesmos. Dentre elas destaco a proporção do espaço físico em relação ao número de pessoas em casa; presença ou não de filhos, pequenos ou não; presença de pessoas idosas ou com alguma morbidade que aumente a vulnerabilidade (lembramos que somos todos vulneráveis em algum grau); falta de privacidade; recursos e instrumentos para envolvimento em atividades de trabalho e distração; intensificação da sobrecarga de trabalho, sobretudo para mulheres, quando tem que trabalhar em

casa, atender as demandas dos filhos e ainda realizar o trabalho doméstico (isso não deve ser naturalizado!). Nas ocasiões de teletrabalho, há o risco de ruptura das fronteiras (reais e psicológicas) entre trabalho e ócio, levando a um estado de permanente tensão, entre outros aspectos.

Famílias mais numerosas, com pessoas vulneráveis, baixo poder aquisitivo, com estrutura física não planejada para passar tanto tempo com todos dentro de casa, sem recursos tecnológicos e mediacionais de envolvimento em alguma atividade que proporcione distração (como livros, videogames, sinal de internet) podem ter mais dificuldades em lidar com essa experiência, apesar de que todos são afetados em alguma medida e precisam se reorganizar.

Tais mudanças podem desencadear reajustes na vida pessoal e familiar com potencialidade de melhorias em longo prazo, se todos se engajarem conscientemente nisso. Por exemplo, ao invés de sobrecarregar as mulheres com o trabalho doméstico, esse pode ser dividido entre todos os membros da família em condições de realizá-lo. Em curto prazo pode ser uma forma de passar o tempo, distraindo a cabeça e, no longo prazo, a efetivação do enfrentamento às desigualdades de gênero.

Me permitam aqui um depoimento pessoal de um professor doutorando que mora sozinho: eu costumava dizer que odiava cozinhar, mas estou tendo que aprender a lidar com esses afetos e a paciência de esperar o tempo de preparo dos alimentos, percebendo que posso controlar minha fome ou ajustar meu tempo a ela, antecipando o preparo



dos alimentos. Também estou aprendendo que faxina pode ser terapêutica, não apenas um fardo. Falando em atividades terapêuticas, acredito que toda essa situação nos coloca numa possibilidade de fazer um balanço da vida, de nossos planos e projetos, nossas relações sociais, nossos valores, aquelas coisas que nos faziam tão bem e que deixamos de lado por conta da luta árdua pela sobrevivência no piloto-automático que é a vida estranhada: ler poesia, literatura, escrever verso e/ou prosa, desenhar, pintar, assistir filmes com a família, ou mesmo tirar uma cesta após o almoço, entre outros. Sei que a situação não é de normalidade e é difícil concentrar-se na satisfação com essas tarefas diante da inquietude. Porém, é fundamental que você se permita pequenas alegrias, pequenos gozos, conectar-se com coisas que, para você, são prazerosas.

Mesmo com a justificada angústia, temos o direito de sentir alguma alegria. Nossa luta é para que isso seja regra, não exceção e seja conscientizado e acessível a toda a humanidade: por uma vida que esteja em função de sua potencialidade e não da acumulação capitalista. Temos o direito à distração, e é isso que nos ajudará nos momentos em que precisaremos estar atentos e fortes.

A convivência exigirá de todos o respeito aos limites e necessidades do outro, mediadas pelas necessidades da coletividade, sem que uma coisa anule a outra; o exercício da paciência e respeito, mas também do aprender a estar junto, do aprender com o outro, de conhecer suas singularidades que lhe fazem um ser único e especial para nós. Há a possibilidade de sairmos mais conectados uns com os outros, mais fortalecidos. Porém, não entendam que eu esteja romantizando a quarentena, tudo dependerá das condições materiais que favoreçam o desenvolvimento e ampliação de um polo positivo, diante das contradições postas.

ANDES-SN: Como você avalia as ações do governo e a demora em oferecer condições para que a população fique em isolamento?

MSN: É criminosa a demora do governo em oferecer as medidas de socorro às famílias que ficaram sem renda, que não sabem como vão pagar as contas, como vão comer; é necessário fornecer infraestrutura de isolamento em condições

humanizadas para pessoas infectadas e que não podem isolar-se em casa por motivo de viverem em apenas um cômodo. É preciso garantir o acesso universal à internet em velocidade adequada para que as pessoas possam usufruir das potencialidades de distração que os filmes, vídeos, ebooks, cursos online, músicas possam oferecer. É preciso criar mecanismos de proteção às mulheres e crianças vítimas de violência doméstica e/ou sexual, para além de um disque denúncia, é preciso inventar novas formas de acolhimento dessas pessoas, dado que os índices de feminicídio e violência doméstica são altíssimos em nosso país. Em uma sociedade de produtores livremente associados, cuja produção esteja em função da ampliação da liberdade em todas as suas dimensões e potencialidade da vida e dos indivíduos, essas medidas não seriam exceção, não seriam emergenciais, mais cotidianos. A realidade nos diz mais uma vez sobre a urgência do projeto comunista.

ANDES-SN: E no caso específico das e dos docentes, que já vivem com a sobrecarga de demandas, precarização das condições de trabalho, e têm que lidar com as incertezas do calendário acadêmico, a imposição de aulas virtuais?

MSN: Para as e os docentes, há tensões particulares. A pressão para retorno das aulas via EaD, sem atentar para o debate qualificado que o movimento docente tem aos limites e possibilidades dessa modalidade, desrespeitando os próprios profissionais que nela atuam. A incerteza quanto ao futuro na carreira, em que ora são anunciados cortes salariais, ora são anunciados congelamentos, sem termos as condições imediatas de reagir no debate público.

Contraditoriamente, há um retorno da valorização, ao menos no discurso, da pesquisa científica, da necessidade de formação de profissionais qualificados em vários âmbitos para atender à sociedade, sobretudo nesses momentos de pandemia. Porém, ao mesmo tempo, nos colocam [servidores públicos] como bodes expiatórios da crise, mantendo o tratamento absurdo de “parasitas”, desrespeitando nossos direitos. Tais contradições, além de nos jogarem na incerteza em relação ao futuro, levando muitos inclusive a repensarem seus sonhos de carreira, atingem, em cheio, um aspecto caro à saúde mental de qualquer trabalhador: o reconhecimento.

A ambiguidade, em que ora somos os “salvadores” ora somos os “parasitas”, afeta nosso senso de valor, a percepção de reconhecimento em relação ao trabalho, levando à frustração e perda de prazer em atividades que antes eram realizadoras. Pode também empurrar muitos a uma busca desenfreada pelo produtivismo, no aparente mecanismo psicossocial (a CAPES parece se alimentar perversamente disso), que é um professor produtivo, que não é um parasita, que merece o reconhecimento, nem que seja pelo direito a permanecer credenciado no programa de pós-graduação.

Falando em produtivismo, esse momento de isolamento social pode ser uma ocasião de reflexão sobre o significado e o sentido de nossas atividades. Além das determinações sociais que impõem o produtivismo, com expressões objetivas - por exemplo, cooptação da ciência pelo Capital e cobranças do sistema de graduação e pós graduação - e subjetivas - engajamento que leva à exaustão e ao adoecimento -, temos um processo psicossocial que pode ser agravante: a luta desesperada para manter a rotina, via teletrabalho, em busca de uma normalidade que não mais existe (e que nem é desejável, se paramos para pensar). É enganoso achar que, pelo fato de estarmos em casa, teremos mais tempo e poderemos ser mais produtivos, escrever mais artigos e nos dedicar totalmente à pesquisa, à produção científica e até mesmo dar aulas em ambientes virtuais.

As coisas não são tão simples nem unidimensionais assim, havendo necessidade de lidar com as contradições que esse momento impõe para preservar nossas vidas, nossa saúde, nossas relações de trabalho com docentes, técnicos, estudantes e demais atores sociais com quem nos relacionamos, nossas relações familiares, amorosas e de amizade. Isso sempre foi urgente e necessário antes, mas agora há uma reconfiguração na forma social em que essas demandas surgem, complexificando a atividade docente.

Os tempos que vivemos são de exceção, exigem coragem, engajamento, entrega, cuidado, compaixão, conexão com valores de solidariedade de classe que dependem também do autocuidado, pois se adoecermos faremos falta às companheiras e aos companheiros.

Não se pode deixar de considerar os colegas de diversas áreas do conhecimento que estão engajados diretamente no enfrentamento da Covid-19. A exposição mais direta ao risco de contaminação biológica, a corrida contra o tempo para encontrar uma cura, uma vacina, produzir respiradores, desenhar fluxos e linhas de cuidado, produzir material informativo à população, gerir a universidade em seus serviços essenciais, expõem esses profissionais – tanto docentes quanto técnicos - a altos níveis de estresse e risco de esgotamento. Assim, os cuidados, de si e do outro que mencionei, são necessários também a essas bravas companheiras e esses bravos companheiros!

